

## INTERLOCUÇÕES ENTRE ARTE E MODA: A PÓS-PRODUÇÃO NA OBRA DE VANESSA BEECROFT

### THE INTERACTION BETWEEN ART AND FASHION: POST-PRODUCTION OF VANESSA BEECROFT WORK

Caue de Camargo dos Santos<sup>1</sup>

1. Especialista em História da Arte – Professor do Ensino Básico Técnico e Tecnológico no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre; Pesquisador do Grupo de Estudos da Educação, Cultura, Arte e Linguagem – GECAL/UFAC.

\* Autor correspondente: cauecamargo.rbr@gmail.com

Recebido: 30/11/2014; Aceito 10/12/2014

#### RESUMO

Este estudo realiza uma abordagem a respeito de determinadas obras/imagens performáticas, que evidenciam o corpo e os acessórios de moda femininos e dispostos como obra de arte. Todas estas proposições realizadas pela artista italiana Vanessa Beecroft (Génova, 1969) que nos instiga às diversas discussões que permeiam o campo político, econômico, psicológico, social e cultural. Tencionamos, no entanto, focar o nosso estudo e discussão nas conexões com a História da Arte. Então, as obras/imagens escolhidas passam a compor o leque de representações artísticas e imagéticas da figura feminina na História da Arte, obtendo assim uma relação com outras representações artísticas e buscando, talvez, uma referência com a moda.

**Palavras-chave:** História da Arte; Performance Arte; Feminino;

#### ABSTRACT

This research carries out an approach of artwork/ performative images that even us the body arrangement and female fashion accessories that are display as artwork. All of these propositions carried out by artist Vanessa Beecroft (Genova, 1969) which instigates us to various discussions that surface the political, economic, psychological, and social and culture. We intend to, focus of our study and discussion in the connections with the history of art. Then the artworks/ performative images chosen to composed the range as artistic performances and visual of female figure in the history of art, thus obtaining the relationship with other artistic performances and seeking an, perhaps a reference with the fashion.

**Keywords:** History of Art; Performance Art; Female;

#### 1. INTRODUZINDO O OLHAR INVESTIGATIVO

A pesquisa realizou-se por meio de uma abordagem investigativa e de ordem

comparativa a cerca de determinadas obras/imagens performáticas, que apresentam discussões sobre o corpo e os acessórios de moda feminina utilizada nas proposições realizadas pela artista italiana *Vanessa*

*Beecroft* (Génova, 1969). Desse modo, trouxemos para discussão do tema proposto, *Interlocações entre Arte e Moda: A pós-produção na obra de Vanessa Beecroft*, um entrecruzamento sustentado, principalmente, pela obra de Bourriaud [1] que cria e sistematiza uma estética e uma rede de significações sobre a produção atual, onde os artistas recorrem e incorporam em suas obras/imagens os elementos já produzidos e o conjunto de obras artista *Vanessa Beecroft*.

Cabe aqui, ainda, tecer um comentário comparativo entre épocas, ou seja, lembrar que a análise estética e de estilos proposta pelo viés do conceito da pós-produção nas artes visuais, nos remete a época do Pós-Guerra, quando artistas iniciam uma jornada que determina renovação dos meios e procedimentos artísticos adotados diferenciando-se de épocas anteriores. Vale ressaltar que a incorporação de materiais industrializados, às suas pesquisas, evidencia uma nova sociedade, um novo pensamento, bem como o modo de vida. Aqui também podemos assinalar o início de uma nova jornada e de artistas que buscam reorganizar esta incorporação de materiais industrializados, prontos, reapropriados, entre outros. Ao que percebemos parece haver uma necessidade de buscar um “novo uso” para aquilo que já foi feito, trata-se de uma reinserção dos transbordamentos, hibridizar ao máximo, programar e deslocar até mesmo os meios e as linguagens que compõe o

campo da arte contemporânea.

Destarte, a interlocução entre a arte e a moda é possível, pela subjetivação proposta pela artista *Vanessa Beecroft* que programa conceitos e uma aparência procedimental próxima da performance arte e atravessando este arranjo encontramos elementos e protocolos próprios da moda, com a finalidade de construir uma narrativa estético conceitual entre o público e os seus modelos. De tal modo, acredito que este estudo contribui para o entendimento a cerca da estética contemporânea, sobre os modos inovadores de pensar e produzir arte, e ainda, trata da aproximação de uma artista que possui uma trajetória e obras compostas por hibridizações responsáveis por criar um universo que não se reduz apenas a simples ação performática ou a um ensaio de moda.

No entanto, o principal objetivo desta pesquisa é ampliar o conhecimento a que se tem a respeito da performance arte. Desdobrando àquela que desenvolvi na Graduação em Artes Visuais (UFSM-2009), onde se abordou a Performance Arte e a Cultura Visual como temáticas a serem desenvolvidas na Educação.

Realizar um entrecruzamento entre a obra de arte e a teoria estética, desta vez, por meio de um estudo voltado ao campo teórico contemporâneo das Artes Visuais, que busca a aproximação com a produção de sentido proposta pela artista *Vanessa Beecroft*, em suas obras/imagens performáticas.

Compreendendo um aprofundamento a respeito do olhar estético lançado a cerca da figura da mulher em alguns momentos da história da arte, onde estas obras/imagens performáticas, também passam a representar a mulher e a moda do tempo contemporâneo.

## 2. O DESENROLAR DE UM OLHAR POÉTICO

Para que pudéssemos organizar e sistematizar a pesquisa, foi necessário realizar uma análise da trajetória performática de *Vanessa Beecroft*, por meio da coleta de dados – textos/ imagens/vídeos – e pesquisar o site profissional da artista [2], onde ela concentra toda a sua produção poética performática, organizando os registros sistematicamente por anos, datas e locais de acontecimento. Realizamos também uma coleta de dados – textos/ imagens – por meio de material bibliográfico como: artigos, matérias publicadas em revistas, editoriais de moda, jornais e entrevistas cedidas por *Beecroft*, à imprensa.

Assim, entrecruzando o conceito estético da pós-produção e o mapeamento da poética desenvolvida por *Beecroft*, foi o que resultou para que pudéssemos entender e interpretar os sistemas, códigos e procedimentos adotados em seu processo de criação artística.

Em seguida, realizamos uma breve construção genealógica utilizando algumas das principais retratações femininas na História da Arte, para que pudéssemos enfatizar as contribuições estéticas, de *Beecroft*, à arte contemporânea, com mais uma produção poética que envolve o corpo feminino. E a análise destas imagens nos leva a compreender como um mesmo gênero pode ser percebido em diferentes épocas.

## 3. MAPEANDO A PRODUÇÃO DE *BEECROFT*

“É arte; é moda. É bem; é mal. É sexista, não é. [3]” Desse modo, as obras/imagens performáticas de *Vanessa Beecroft*, têm sido descritas como arte, moda, brilhante, terrível, evocativa, provocativa, perturbadora, sexista e fortalecedora. São opiniões emitidas em diversas revistas, *posts*, editoriais e blogs. Suas obras são em grande escala e muitas vezes envolvendo nus femininos ao vivo (Figura 1). Os registros, gravações de vídeo e fotografias são feitas, para serem exibidas como documentação das ações performáticas e também como obras de arte individuais. *Beecroft* estabelece uma estrutura para que os participantes de seus eventos, ao vivo, possam criar a sua própria composição efêmera.



**Figura 1.** Kunsthalle Wien, Viena. VB45. 9043; 2001.

Suas performances tornam-se encontros existenciais entre modelos e o público, a sua vergonha e as suas expectativas. Cada obra foi pensada para um local específico – *site specific* – e, muitas vezes tomam como referência e se associam a conceitos políticos, históricos, sociais ou do próprio lugar onde é realizada. A obra de *Vanessa Beecroft* é enganosamente simples pela sua execução, mas ganha dimensão complexa quando passa a existir uma relação entre o espectador, o modelo e o seu contexto.

As suas mulheres, principalmente nuas, semelhantes, unificadas através de detalhes como a cor do cabelo ou sapatos idênticos, a imobilidade corporal, a inacessibilidade de seus corpos e arregimentadas no espaço, enquanto espectadores observam as mesmas, produzem situações provocativas no entorno da política

de identidade e da ação do voyeurismo. Além de sua abordagem conceitual, *Beecroft* aproxima-se da pintura e resgata na contemporaneidade as composições figurativas complexas que desafiaram os pintores a partir do Renascimento.

Algumas obras/imagens da artista possuem uma abordagem um pouco mais teatral, tencionavam apresentar (Figura 2):

Um punhado de meninas de salto alto (Beecroft chama de saltos “pedestais”), trajes baratos e guarda-roupa que fazem alusões ao cinema europeu (filmes de *Fassbinder*, *Godard*, *Visconti*) e a pintura clássica (*Rembrandt*, *Holbein*, *dela Francesca*) e as cores vermelho, amarelo ou prata nas perucas. Como os orçamentos cresceram em proporção à sua reputação, ela começou a utilizar modelos profissionais, artistas surpreendentemente apresentadas pelo *make-up* de *Pat McGrath*, e vestindo roupas e acessórios emprestados ou especialmente criados por estilistas como *Miuccia Prada*, *Tom Ford*, *Helmut Lang*, *Dolce & Gabbana*, e *Manolo Blahnik*, todos ansiosos para associar-se com a visão complexa de Beecroft (mesmo que o assistente de Vanessa me diga, “A moda é um arenque vermelho” e Beecroft mesma diz, “Eu não sigo moda”). [4]



**Figura 2.** Peggy Guggenheim Collection, Venice. VB47.002.dr; 2001.

Apesar de *Vanessa Beecroft* não afirmar positivamente sobre a moda nas suas obras, um de seus designers colaborativos *Franca Sozzani* - editor da *Vogue Italiana*, pensa que a moda possui um papel muito claro nas performances. O *fashion*, segundo ele, domina a sua vontade; não sendo importante como um símbolo do logotipo/marca, tendência ou *status*: “os artigos de moda são usados para realçar o corpo da mulher e para expressar o conceito por trás de suas performances” [5].

Se observarmos a obra de *Beecroft* ao longo de sua trajetória artística vamos

perceber que suas modelos/ meninas (como chama *Beecroft*) tornaram-se cada vez mais despojadas de vestes, ao ponto que a maioria de suas performances desde *VB23* (1996) (Figura 3) têm caracterizado nudez parcial ou total. Esta constatação é feita através de um levantamento de dados a partir do seu site [6] no link *Performances* obtemos acesso a registros de suas obras, datando do ano de 1993 até o ano de 2010.

*Vanessa Beecroft* é muito consistente com o seu trabalho artístico, não afirmando nada, não lutando publicamente contra qualquer coisa. As suas obras/imagens

## Artigo de Revisão Review Article

performáticas mostram o corpo feminino e outra vez seus motivos são mais artísticos e expressivos, do que literários e sociais. E se houver algum conteúdo substancial, este não é outro senão a normatização do corpo da mulher nua, sempre atuando como ponto de

provocação, mas sem defender qualquer causa explícita. Para ela todos podem pensar aquilo que quiser; viver a experiência estética de sua própria maneira e tirar suas conclusões individualmente.



**Figura 3.** Ludwig Museum, Colonia. VB23. 001, 1996.

Destarte, a obra de *Beecroft* já não é mais enquadrada como resultado de um processo, mas torna-se um local de produção. Segundo, Bourriaud [7] na exposição o artista coloca ferramentas à disposição do público, como nas manifestações dos anos 1960 em que as exposições de arte conceitual

organizadas por Seth Siegelaub pretendiam simplesmente colocar informações à disposição do visitante. Bourriaud, ainda nos diz sobre a recusa das formas acadêmicas de arte e o entendimento de que os artistas dos anos 1990 viam no local da mostra um espaço de convívio, um palco aberto a meio caminho

## Artigo de Revisão Review Article

entre o cenário, o estúdio de cinema e a sala de documentação. Ou seja, ele evidencia exatamente o processo utilizado por *Beecroft*, em que cria uma sequência na apresentação de suas performances onde suas belas *vivants*, como afirma Johnstone [8]. Segundo Cañellas, [9] sempre encenam duas vezes “uma vez para o público, uma vez para fotografar e filmar”, a partir daí, retomamos novamente a ideia de que seus registros, fotografias e documentários podem ser exibidos ou classificados como uma obra de arte, à parte.

Esse sintoma ou modo de reprogramar a arte, realizada por *Vanessa Beecroft*, reafirma aquilo que Bourriaud, diz quando uma:

[...]geração de artistas aqui tratada mescla a arte conceitual e *pop art*, antiforma e *junk art*, mas também certos procedimentos do design, do cinema, da economia e da indústria: aqui é impossível dissociar as obras de seu pano de fundo social, os estilos e a História [10].

E entende-se também que a ideologia desses artistas:

[...] não se distanciam muito dos de um Daniel Buren, um Dan Graham ou um Michel Ascher

de vinte ou trinta anos atrás. Eles mostram a mesma vontade de desvendamento das estruturas invisíveis do aparato ideológico, desconstruem sistemas de representação e adotam uma definição da arte como “informação visual” capaz de destruir o entretenimento [10].

Podemos verificar também, alterações no local da exposição, que atualmente se tornou um local de produção, e que nem sempre é uma galeria ou museu de arte (Figura 4). Esse deslocamento no espaço expositivo é extremamente conectado ao modo como cada artista produz, ocupa e conceitua este local. Que segundo Pierre Joseph apud Bourriaud [11] comenta que esses espaços são transformados num “local de simulação de liberdades e experiências virtuais”.

Observando o registro “2005, *Vanessa Beecroft Expose à Berlin*”, é evidente que a artista produz no espaço expositivo, fala-se até da incorporação dos protocolos da fotografia de moda, nota-se a utilização de modelos femininas nuas para criar “instalações” humanas de larga escala que, por sua vez, são filmadas e fotografadas e, posteriormente, exibidas como registros documentais e até como obras de arte.



**Imagem 4.** 6 frames. “2005, Vanessa Beecroft Expose à Berlin”.

Dessa forma, alguns entendem que *Beecroft* transita entre a estética e o teatro. Sua obra já foi comparada à editoriais de moda, já se ocupou como inspiração aos mesmos, sendo até convidada pela famosa Louis Vuitton em 2005 para compor uma obra/imagem especialmente para abertura da loja da marca na Champs-Élysées, em Paris. Desde o ano de 1993, seu notório trabalho já percorreu o mundo em um total de 65 apresentações, além de suas experimentações com ilustração e pintura [12].

No entanto, *Vanessa Beecroft*, italiana, nascida em abril de 1969 em Gênova, ingressou na vida acadêmica a partir da arquitetura, cursada no *Civico Liceo Artistico Nicolò Barabino*. Depois da graduação, ela estudou pintura na *Accademia Linguistica Di*

*Belle Arti* e, em 1988, foi para Milão, onde se aprofundou em cenografia na *Accademia Di Belle Arti Di Brera* [12].

#### 4. OCORRÊNCIAS NA HISTÓRIA DA ARTE

Pensando na construção da imagem feminina ao longo da História da Arte observamos que a cada período uma implicação ideológica é impressa junto ao estilo, a uma estética ou à algum padrão determinado pela época. Essas representações aparecem na forma de criações e recriações artísticas que se sucedem e dialogam entre si, figurações plásticas, literárias, cinematográficas e até teatrais.

Em todos os tempos, sempre houve

**Artigo de Revisão** Review Article

alguma idealização na figura da mulher, como se fosse um arquétipo. Às vezes, conforme o pensamento masculino e ou também através da construção de uma autoimagem feminina. Sua imagem na arte surge como elemento que compõe uma diversidade de atributos, como a beleza física, a conformação saudável, as formas generosas e as maternais.

Desse modo, selecionamos imagens de diversas épocas: Pré-História; Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea. Ao longo desses períodos a mulher foi retratada refletindo o seu papel na nossa sociedade.

Na Pré-história, mais precisamente no período Paleolítico, os homens tinham se alegrado ao coletarem seixos em cujo formato natural via

uma grande qualidade representacional “mágica”, onde Janson [13] afirma que as peças trabalhadas posteriormente refletem a atitude das representações como a estatueta feminina é uma das mais antigas figuras humanas conhecidas, em pedra com formas bem avantajadas: os seios, quadris e ventre enormes, o que remete a importância da fertilidade. As figuras femininas, sendo suficientemente pequenas para serem carregadas pelas tribos como amuletos, parecem ter sido objetos de veneração, porque a mulher possuía a capacidade de gerar a vida, e ainda talvez, usados em rituais. Geralmente essas esculturas são denominadas de Vênus (Figura 5).

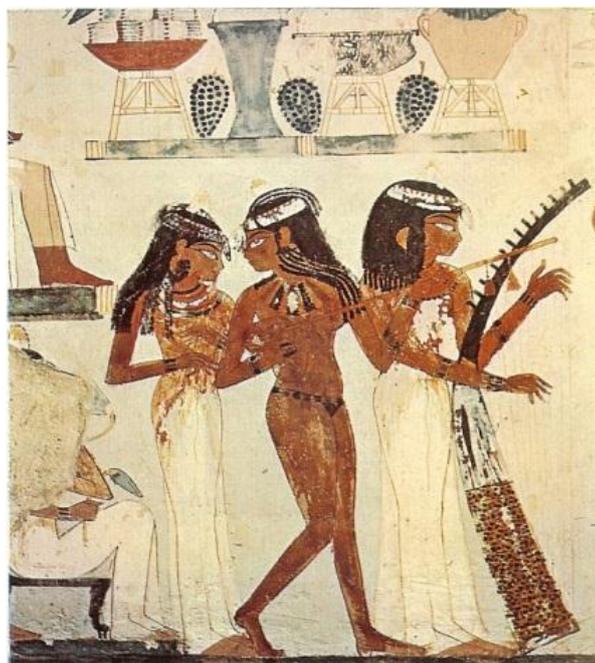


**Figura 5.** Vênus de Willendorf. Austria; 25000 a 20000 a.C.

## Artigo de Revisão Review Article

Da Arte Antiga/ Egípcia (Figura 6), passando por Grécia e Roma, podemos observar três épocas, três ideologias diferentes, três maneiras de representar

estilisticamente. Na primeira observamos uma arte voltada a valores religiosos e políticos, retratações com cores chapadas, de perfil e sem a perspectiva geométrica.



**Figura 6.** Três musicistas no Banquete, Tumba de Nakht ; s/data.

Na segunda, escultura devia representar um ideal de harmonia, equilíbrio e racionalidade. Segundo Gombrich, entre as famosas estátuas clássicas de Vênus, a Vênus de Milo (assim chamada porque a encontraram na ilha de Melos) talvez seja a mais conhecida. Eram caracterizadas pelo movimento, a serenidade, a expressividade e ainda posto que Gombrich afirme, que “Praxíteles usou inovações e os métodos diferenciados, sua escultura foi idealizada para ser vista de lado, e podemos, uma vez

mais, observar a clareza e a simplicidade com que o artista modelou o belo corpo.”[14] Os gregos davam uma grande importância à figura humana, à representação do nu e à escala humana nas estátuas. As estátuas tinham rigor técnico, ou seja, representavam a figura humana à proporção da realidade. Foi uma cultura que valorizou muito o masculino, as mulheres representadas eram sempre na figura de uma deusa (Figura 7), pois socialmente não ocupavam o mesmo *status quo* do homem.



**Figura 7.** Praxíteles, Vênus de Milo (versão original Grega); 200 a.C.

Por último, os romanos eram grandes admiradores da arte grega, porém em relação à escultura, os artistas romanos eram mais realistas e retratavam as pessoas com muita fidelidade, ao contrário dos gregos, que retratavam com um ideal de beleza. A estatuária romana teve seu maior êxito nos retratos. A mulher era retratada na forma de busto ou estátua quando tinha alguma importância histórica, no entanto, isto só acontecia quando ela estava de alguma maneira ligada a uma figura masculina.

A autoridade da Igreja Católica predomina na Idade Média. O ideal impregnado nesta cultura foi a valorização do

divino e do sobrenatural. A pintura na Idade Média se desenvolve, sobretudo, nas grandes decorações murais, através da técnica do afresco (pintura feita em uma parede com o reboco ainda fresco). Esses murais tinham como modelo as ilustrações dos livros religiosos. Numa época em que poucas pessoas sabiam ler, a Igreja recorria à pintura e a escultura para narrar histórias bíblicas ou comunicar valores religiosos aos fiéis. A figura feminina é inserida nas representações sob a identidade de Maria, no século XII (Figura 8), a partir daí intensificou-se a promoção da mulher na religião.

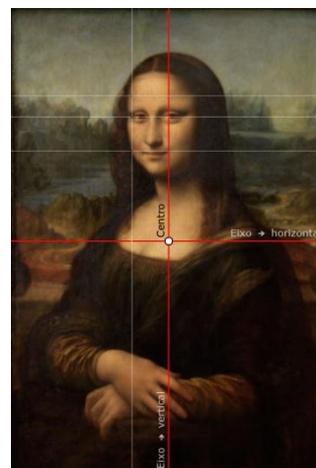


**Figura 8.** Giovanni de Predis. Dama Medieval com vestuário luxuoso; 1453.

A partir do Renascimento, cada vez mais as pinturas e as esculturas procuravam estar de acordo com as proporções humanas, com rigor científico. Na maioria das representações persiste a intenção religiosa, mas agora o corpo e a beleza física ganham importância histórica.

Os cânones da beleza feminina e o modelo ideal de mulher sofrem transformações. A silhueta e o rosto femininos foram correspondendo às diferentes condições de estatuto e de riqueza, dando origem a novos padrões de aparência e gosto. O ideal medieval da dama aristocrática graciosa, estreita de ancas e de seios pequenos, deu lugar nos finais do século XV e durante o século XVI, a um modelo de beleza feminina

mais roliça, de ancas largas e seios generosos, que se iria manter até finais do século XVIII. Exemplo disso, é o retrato de Mona Lisa de Leonardo da Vinci e as Madonas de Rafael Sanzio (Figura 9).

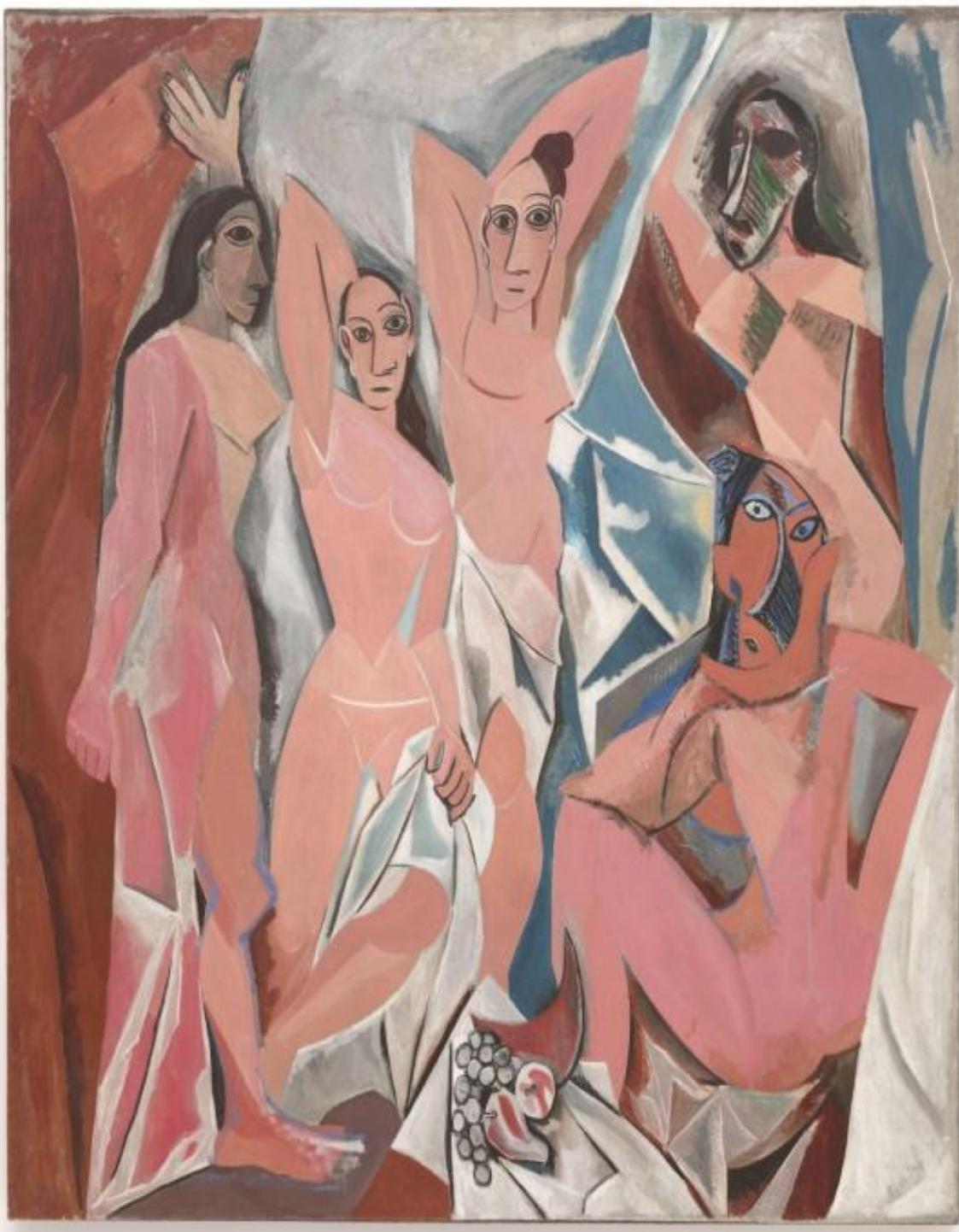


**Figura 9.** Leonardo Da Vinci, La Joconde ; 1503-06 ; (com divisão Áurea).

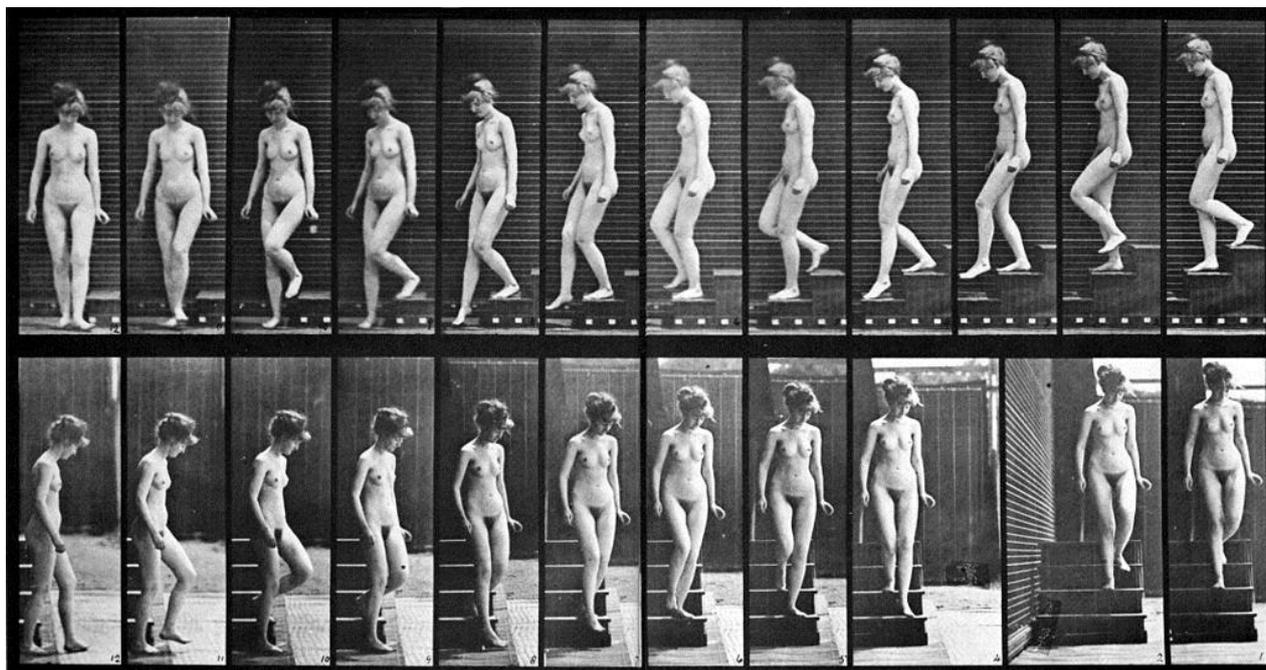
## Artigo de Revisão Review Article

Mais tarde observamos os movimentos conseguintes ao Renascimento, o florescimento de novos padrões, a chegada das vanguardas artísticas (Figura 10). O

Impressionismo, Expressionismo, o Cubismo, a Fotografia, o Vídeo, a Performance. A cada período um pensamento, um ideal, uma imagem, uma mulher (Figura 11).



**Figura 10.** Pablo Picasso, Le Demoiselles d'Avignon, 1907.



**Figura 11.** Eadweard Muybridge, Female nude motion study; 1886.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa pudemos mirar nosso olhar e dirigir nosso pensamento para analisar os procedimentos adotados no processo de construção da obra de *Vanessa Beecroft*, notamos que seu trabalho artístico dialoga com diversos meios, apropria-se de diversos acessórios cotidianos, ocupa-se com questões que permeiam nossa sociedade e que produz sentidos à quem as observa. Embora vivamos em uma sociedade desenvolvida, percebe-se que a mulher representada pela artista pode estar conectada àquela de outras épocas, em que foi submetida a processos dominadores.

No entanto, o modo como seus corpos são expostos e os acessórios de moda são dispostos podem demonstrar certa liberdade. Representam uma grande quebra dos paradigmas impostos pela sociedade a cerca da discussão do corpo, da sexualidade, dos padrões de moda e da beleza estabelecidos. Este "vai e vem" do pensamento e da interpretação, acredito, que dá-se pelo fato de *Beecroft* não impor sua arte, não construir uma obra pronta, mas fazer com que o espectador participe deste processo de produção de sentido, talvez até, sendo co-autor nesse imbricar de olhares.

## 6. REFERENCIAS

- [1] BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-Produção**. São Paulo: Martins, 2009;
- [2] BEECROFT, VANESSA; **Performances**. <http://www.vanessabeecroft.com>; acesso em 2013.
- [3] VALOIS; Carla. Fashion Forward/ Notícias. **Provocadora, italiana Vanessa Beecroft participa do Pense Moda**. Disponível em : <http://ffw.com.br/noticias/arte/provocadora-italiana-vanessa-beecroft-vem-ao-brasil-para-o-pense-moda/>; acesso em 2013.
- [4] JOHNSTONE, Nick; The Guardian/ The observer. **Dare to Bare**: Disponível em: <http://www.theguardian.com/artanddesign/2005/mar/13/art>; acesso em 2013.
- [5] JOHNSTONE, Nick; The Guardian/ The observer. **Dare to Bare**: Disponível em: <http://www.theguardian.com/artanddesign/2005/mar/13/art>; acesso em 2013.
- [6] BEECROFT, VANESSA; **Performances**. <http://www.vanessabeecroft.com>; acesso em 2013.
- [7] BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-Produção**. São Paulo: Martins, 2009. P. 79;
- [8] JOHNSTONE, Nick; The Guardian/ The observer. **Dare to Bare**: Disponível em: <http://www.theguardian.com/artanddesign/2005/mar/13/art>; acesso em 2013.
- [9] CAÑELLAS, Marc Montijano. **Las pinturas vivas de Vanessa Beecroft**. Disponível em: [http://www.homines.com/arte\\_xx/vanessa\\_beeecroft/index.htm](http://www.homines.com/arte_xx/vanessa_beeecroft/index.htm)> Acesso em 2013.
- [10] BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-Produção**. São Paulo: Martins, 2009.
- [11] BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-Produção**. São Paulo: Martins, 2009.
- [12] VALOIS; Carla. Fashion Forward/ Notícias. **Provocadora, italiana Vanessa Beecroft participa do Pense Moda**. Disponível em : <http://ffw.com.br/noticias/arte/provocadora-italiana-vanessa-beecroft-vem-ao-brasil-para->

## Artigo de Revisão Review Article

o-pense-moda/; acesso em 2013.

[13] JANSON, H.W. **Iniciação à História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

[14] GOMBRICH. E.H. **A História da Arte**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.